ENSAIO ESSAY

ENTRE A ESTEPE E O SERTÃO: NIKOLAI GOGOL E GUIMARÃES ROSA

Ibiraci de Alencar Chagas

Doutorando na UEFS

RESUMO: O presente artigo se dedica a identificar elementos fundamentais que conectam a paisagem humana e geográfica predominante nas obras *Taras Bulba*, de Nikolai Gogol, e *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, num esforço de comparação entre esses universos literários. Busca-se sustentar o ponto de vista de que a severidade e a hostilidade geoclimática de ambos os contextos – a estepe ucraniana e o sertão brasileiro – funcionam como um parâmetro interpretativo para o desenvolvimento social de um tipo específico de indivíduo, o guerreiro, o qual – quer sob a condição de cossaco ou de jagunço sertanejo – apresenta-se como a equivalência humana de seu ambiente, moldando-o e sendo por ele moldado. Sedimentando essa relação dialética entre homem e natureza, aspectos socioeconômicos e simbólicos de cada realidade asseguram a devida congruência entre o mundo natural e o antropológico, matizando com as cores regionais a experiência narrativa de cada obra, ao mesmo tempo em que aludem a fundamentos estruturais comuns entre ambas.
PALAVRAS-CHAVE: *Taras Bulba*; *Grande Sertão: Veredas*; Contexto geoclimático; Guerreiros.

ABSTRACT: This article aims to identify fundamental elements that connect the predominant human and geographical landscapes in the works *Taras Bulba* by Nikolai Gogol and *Grande Sertão: Veredas* by Guimarães Rosa, in an effort to compare these literary universes. It seeks to argue that the severity and geoclimatic hostility of both contexts – the Ukrainian steppe and the Brazilian hinterlands – function as an interpretive parameter for the social development of a specific type of individual, the warrior, who – whether under the condition of a Cossack or a backlands gunman – presents themselves as the human equivalence of their environment, shaping and being shaped by it. Cementing this dialectical relationship between man and

nature, socioeconomic and symbolic aspects of each reality ensure the proper congruence between the natural and anthropological worlds, shading the narrative experience of each work with regional colors, while also alluding to common structural foundations between them.
KEYWORDS: *Taras Bulba*; *Grande Sertão: Veredas*; Geoclimatic context; Warriors.

Foi importante premissa dos estudos humanísticos do século XIX[1], postular uma relação causal – muitas vezes estrita – entre as características inerentes a uma certa civilização e o contexto geoclimático no qual essa mesma civilização se desenvolveu[2]. Assim, um universo cultural seria fruto direto das condições materiais impostas pela natureza aos indivíduos que naquele local organizavam a sua sociedade. A essa tese, deu-se o nome de *determinismo geográfico*[3]. Com o passar do tempo e o avanço das pesquisas de cunho socioantropológico, a estrita dependência causal entre meio geográfico e cultura ruiu e, hoje em dia, pouca atenção, normalmente, é dispensada à possibilidade dessa conexão[4]. Contudo, pretendemos sugerir aqui a existência não de uma mera relação causal determinante entre o aparato simbólico subjacente às práticas coletivas de uma certa sociedade e as configurações do espaço natural em que tal sociedade existe; porém, antes, de uma espécie de similaridade cultural estabelecida a partir de determinadas correspondências geográficas. Desse modo, um meio hostil, agressivo, rigoroso tende a formar indivíduos igualmente fortes e endurecidos, aptos a

[1] Um dos grandes expoentes dessa linha de pensamento foi o historiador britânico Henry Thomas Buckle (1884, p. 29). Em sua obra *History of Civilization in England,* ele observa que "se investigarmos quais são os agentes físicos pelos quais a raça humana é mais poderosamente influenciada, descobriremos que eles podem ser classificados em quatro categorias: a saber, Clima, Alimentação, Solo e o Aspecto Geral da Natureza; por esse último, quero dizer aquelas aparências que, embora apresentadas principalmente à vista, dirigiram, por meio desse ou de outros sentidos, a associação de ideias." (Todas as traduções para o português são de responsabilidade do autor do artigo.)
Não obstante a sua relevância no contexto contemporâneo, Anatolii Pavlovich Getman et al. (2023, p. 306) observam que "é comumente conhecido que as ideias de determinismo geográfico se originaram nos tempos da Grécia, Roma e China antigas."

[3] Ou, como ficou conhecido nos Estados Unidos, determinismo ambiental (environmental determinism). Por esse termo, pode-se entender "a noção de que o ambiente controla ou determina o curso da ação humana." (Hong, 2010. p. 142).

[4] Particularmente, devido à associação entre a concepção do determinismo geográfico e certas justificativas ideológicas que buscavam legitimar a dominação de povos oriundos de determinado contexto geográfico e cultural (europeus) perante aqueles que se encontravam em contextos outros (africanos, asiáticos) e que, segundo esse ponto de vista, estavam fadados a permanecer numa condição de subdesenvolvimento socioeconômico e cultural (Peet, 1985). Porém, como observam Anatolii Pavlovich Getman et al. (2023, p. 310), atualmente, já se pode observar a revivescência de certas perspectivas associadas à influência do meio geográfico sobre a sociedade, particularmente devido à agenda ambientalista e às graves ameaças que pesam sobre a sobrevivência humana e os ricos de um colapso ambiental no futuro. A ênfase que já se pode começar a perceber acontecendo, "altera-se da análise das mudanças nos recursos de suporte à vida das camadas geoesféricas para o estudo do mecanismo de regeneração da biosfera, flutuações climáticas perigosas, o papel da economia verde etc." (Getman et al., 2023, p. 311).

sobreviver em condições desfavoráveis, sob pena de sua completa extinção coletiva. Já quando o meio geográfico é transformado e adaptado por fatores tecnológicos, urbanísticos e econômicos – de modo a gerar uma existência mais amena e confortável – e a ameaça da extinção se distancia, assiste-se a uma concomitante mudança de referenciais e perspectivas na cultura dos seus habitantes. Obviamente, como estamos a sugerir, o elemento humano não se constitui em traço meramente passivo, a receber as influências incontornáveis do meio geográfico: tem-se, ao contrário, uma relação de influência recíproca entre a ação do homem e a configuração do meio natural. Não se pretende afirmar, portanto, que o meio ambiente tenha ditado, irrevogavelmente, o curso dos destinos de todas as civilizações, nem que o futuro seja suscetível de clara antecipação mediante a mera consideração da geografia vigente. Antes, propõe-se a concepção de que a geografia impõe distintos obstáculos a cada sociedade, em cada época, incumbindo-as, assim, do desafio de superar tais adversidades a partir de formas de organização interna específicas que, por vezes, terminam por coincidir em certos aspectos fundamentais. Desse modo, nota-se, portanto, que o ambiente natural cria oportunidades que operam como pré-requisitos necessários para a formação da paisagem cultural, entendida, afinal, enquanto um resultado último das práticas sociais humanas.

Assim, vemos entre o sertão e a estepe – acima de tudo espaços existenciais ancorados em específicas configurações geoclimáticas – meios agressivos, impiedosos que exigem do indivíduo força e destreza para sobreviver aos desafios cruéis impostos e assegurar a existência coletiva. A esse indivíduo – forjado nos quadros das virtudes guerreiras, em circunstâncias de todo adversas – corresponde um padrão específico de conduta, socialmente estabelecido, que passa diretamente pela noção de valor pessoal a ele agregado. Enquanto a civilização atual tem por sentido dominante apenas o acúmulo de riquezas e o usufruto imediato de prazeres sensoriais, as sociedades arcaicas, em maior ou menor medida presas a um caráter tribal e edificadas sob a égide dos valores belicistas, desenvolvem um senso de valor centrado na conduta individual diferenciada e nos papéis intrínsecos a cada segmento social. Assim, nossa intenção neste artigo é analisar a paisagem simbólica e antropológica formada a partir destes dois meios ambientes específicos – a estepe e o sertão – e apontar diferenças e similitudes entre ambos, a partir das duas obras selecionadas para análise.

A estepe ucraniana faz parte de uma grande planície eurasiana que se estende do Báltico ao Pacífico. Devido ao seu posicionamento geográfico e às características de relevo e vegetação, as estepes ucranianas, desde tempos imemoriais, são rotas migratórias frequentes de povos entre o Oriente e o Ocidente. Como faz notar Linda Gordon (1983, p. 11), "a estepe tem quatro características principais: planura, variação extrema de temperatura, secura e ausência de árvores." De acordo, ainda, com Geoffrey Hosking (2011, p. 1), a estepe é uma "região levemente irrigada com uma cobertura escassa e variável de gramíneas e arbustos, ocasionalmente interrompida por oásis, ravinas e vales fluviais." Barry Cunliffe (2015, p. 12) define a estepe "como uma pradaria aberta, dominada por espécies herbáceas perenes, resistentes à seca e tolerantes à geada, animadas na primavera pelas flores de espécies bulbosas."

Hosking (2011, p. 2), prosseguindo para considerações acerca das possibilidades geoeconômicas da estepe e se referindo à região conhecida como *Eurásia interior*[5], observa que

> as duas faixas ecológicas do sul, e especialmente a estepe, eram países nômades clássicos. A vegetação esparsa, a baixa precipitação e o terreno aberto tornaram essas regiões difíceis de explorar pela agricultura estabelecida, embora grande parte do solo fosse muito fértil. Os agricultores, desprovidos de sistemas de irrigação elaborados, só podiam esperar retornos escassos e estavam permanentemente vulneráveis aos ataques dos seus vizinhos mais dinâmicos. Todavia, rebanhos de gado, ovelhas, cabras e, em alguns lugares, camelos podiam se alimentar da folhagem, seguindo em frente quando a esgotassem em qualquer localidade específica.

Não obstante, deve-se notar que essa estratégia econômica não podia assegurar a uma sociedade não-sedentária de pastores a satisfação de todas as suas necessidades. Disso se origina a exigência de a Eurásia interior se relacionar com a Eurásia exterior. Contudo, esses pastores tinham pouco a oferecer aos povos sedentários que já produziam para si quase tudo de que necessitavam, inclusive elementos oriundos da atividade pecuária. "Daí a tendência para a relação se tornar violenta: só aperfeiçoando as suas capacidades militares e atacando civilizações adjacentes é que os pastores nômades poderiam sustentar adequadamente o seu próprio modo de vida." (Hosking,

[5] A expressão Eurásia interior se refere à vasta região situada no centro do continente Euro-Asiático, caracterizada por sua distância dos oceanos e mares periféricos. Essa região inclui vastas áreas da Rússia, bem como partes da China, Mongólia, Cazaquistão e outros países da Ásia Central. É uma região geograficamente isolada, com um clima predominantemente continental e uma paisagem que varia de estepes a florestas boreais. A Eurásia interior desempenha um papel significativo como corredor de transporte e comércio entre a Ásia e a Europa.

2011, p. 2). Os imperativos decorrentes das exigências geoclimáticas e econômicas impunham aos povos que habitavam a estepe uma forma de organização social específica, ou seja,

> grupos de parentesco de cinquenta a cem indivíduos se constituíam na forma mais conveniente de explorar essa ecologia. Para defender seu terreno e seus rebanhos, os clãs formavam confederações e dedicavam muita atenção ao treinamento de cavalos e cavaleiros. A guerra de cavalaria se tornou muito mais temível após a invenção do estribo, por volta de 500 A.D., o que permitiu que um cavaleiro habilidoso usasse ambas as mãos para manipular armas, quer fossem lanças ou arco e flecha. Porém, embora os nômades fossem guerreiros extremamente habilidosos, eles eram ineptos construtores de Estados. (Hosking, 2011, p. 2).

Por seu turno, conforme observa Warwick Ball (2021, p. 31),

> sem fronteiras e estabelecimentos fixos, como os que um estado sedentário teria, as sociedades nômades tiveram que dar muito mais ênfase à estrutura social, coesão e cadeias de comando rigidamente impostas, daí sua maior força militar geral. Era um exército pronto com o qual a maioria dos comandantes de forças mais convencionais só poderia sonhar.

Populações numericamente reduzidas e a fragilidade no controle sobre territórios mais amplos são, pois, características fundamentais, oriundas do modo de vida nômade mantido pelos cossacos e fortemente associado aos rigores dos invernos ucranianos e à solidão das suas intermináveis planícies. Os intensos fluxos migratórios – direcionados para as estepes, por um lado, pelas florestas de coníferas (taiga) e, por outro, pelas cadeias montanhosas e zonas desérticas – levaram, com o passar dos séculos, à convivência, nessas regiões centrais da Ucrânia, de um número variado de sociedades que possuíam tradições tecnológicas e culturais, estratégias de sobrevivência e necessidades coletivas por vezes muito diferentes entre si. A insegurança militar decorrente de todas essas movimentações e a inequívoca exigência de autoproteção trazida por todos esses fluxos migratórios em números sempre crescentes – assim como o fracasso de qualquer governo central em propiciar um ordenamento social minimamente efetivo – levaram à fragilização dos vínculos de natureza clânica e ao surgimento de uma espécie de milícia popular que viria a corresponder ao *modus operandi* dos cossacos.

Não obstante o fato dos primeiros cossacos se manterem como um povo semi-itinerante e refratário à agricultura (Gordon, 1983, p. 67), esse estado de coisas levou a uma modificação no estilo de vida das populações nômades originárias da estepe para

aquele que corresponderia, exatamente, à maneira de viver dos cossacos: um destemido cavaleiro que, ao mesmo tempo, era "um homem livre, dinâmico demais para ser escravizado; ganhando a vida através de uma combinação entre agricultura, pecuária, comércio e banditismo; defendendo suas posses militarmente e se reunindo a outros para defender a sua comunidade." (Gordon, 1983, p. 16). A mesma autora enfatiza, ainda, contudo, que "o saque era a principal fonte de seu sustento." (id., p. 62). Com efeito, "desde muito cedo, o 'serviço' militar cossaco (...) não se distinguia da pirataria e do banditismo." (id., p. 65-66), e que as "suas funções de guerreiro sempre foram pelo menos tão intensas quanto o saque" (id., p. 69), muito embora costumeiras entre os povos antigos,

> para os nômades, no entanto, o treinamento militar é parte do estilo de vida cotidiano desde o nascimento. Crianças, tanto meninas quanto meninos, aprendem a cavalgar assim que aprendem a andar, simplesmente porque é tão essencial para o estilo de vida deles quanto andar. A vida extremamente difícil na estepe, na qual os nômades nascem, automaticamente os torna resilientes – um endurecimento que coloca o treinamento militar mais rigoroso em segundo plano. É uma vida de marchas forçadas, frequentemente em condições adversas e extremos climáticos. (Ball, 2021, p. 30).

Por fim, como observa Linda Gordon (1983, p. 11),

> as paixões e a obstinação, a brutalidade e a coragem dos cossacos parecem adequar-se ao seu lar geográfico, estética e emocionalmente. É tentador pensar que os cossacos eram a expressão humana das estepes do Mar Negro; mas tal argumento seria incompleto, porque os cossacos também ajudaram a criar o significado humano da estepe, as próprias conotações da palavra. Na história cossaca existe uma dialética entre um povo e a sua terra: as qualidades e quantidades do seu espaço moldaram as suas vidas pessoais e a estrutura social, na medida em que o povo moldou a ordem social e política e a utilização desse espaço.

Os cossacos se constituíram enquanto grupo cultural próprio entre os séculos XV e XVI, por intermédio de camponeses fugitivos da servidão. Posteriormente, suas fileiras foram ampliadas por mais camponeses fugitivos e dissidentes da Igreja Ortodoxa. Esses indivíduos se misturaram às populações locais e, ao longo do tempo, desenvolveram uma nova identidade. Em 1560, um grande grupo de cossacos se estabeleceu na fronteira noroeste das estepes do Cazaquistão. Eles ofereciam serviços ao tsar russo na forma de tropas de defesa de fronteira em troca de títulos de propriedade de suas terras e de autonomia local. Como observa Brian L. Davies (2007, p. 29),

> ao se autodenominarem "cossacos livres", viam a si mesmos como estando fora do sistema sociopolítico moscovita: não eram nem servidores do Soberano (sluzhilye liudi) nem seus "homens de tributo" (tiaglye liudi), mas reservavam para si o direito de escolher seus próprios mestres.

De origem incerta, os cossacos parecem reunir elementos étnicos de populações eslavas, tártaras e turcas. Os cossacos russos de Zaporizhzhia e do Don muito rapidamente se consolidaram como uma nacionalidade à parte, nitidamente diferentes do povo russo. O elemento eslavo prevaleceu entre os cossacos a partir do início do século XVI e a conversão ao cristianismo ortodoxo passou a ser um requisito para que um indivíduo fosse aceito em suas comunidades. Até a década de 1580, o núcleo da população cossaca havia se deslocado para o sul, descendo o rio Don em direção a Donetsk e ao mar de Azov. A população cossaca, em menor número, que permaneceu na região ao norte do Don, era menos estável, pois essa região costumava ser, antes, um local de passagem ao invés do destino final para povos migrantes. Além disso, ainda nesse período, a aproximação com as novas cidades fronteiriças do tsar oferecia uma alternativa atraente para os cossacos, possibilitando-lhes o registro como soldados de guarnição e a obtenção de recompensas em terras e grãos. No período em foco, a estepe ucraniana estava cercada por estados estabelecidos, a exemplo da Polônia e do Império Otomano. A forma de organização então existente entre os cossacos se baseava no que se poderia denominar de fraternidades militares sem vínculos formais precisos. Como faz notar Geoffrey Hosking (2011, p. 115-116),

> eles eram profundamente orgulhosos de seu status como "homens livres" e estavam preparados para defender sua volia (liberdade) ao extremo. Ao mesmo tempo, ao organizar e conduzir campanhas militares, eles obedeciam implicitamente a seus líderes, e a indisciplina era severamente punida, por vezes, mesmo, com a pena capital.

Com o decorrer do tempo, as instituições cossacas evoluíram para estruturas mais complexas, embora a unidade fundamental tenha perdurado sob a forma do *krug*, ou círculo, que constituía a base de uma unidade militar. Nesse contexto, os membros do círculo elegiam seus líderes e deliberavam sobre questões cruciais, preferencialmente buscando consenso antes de recorrer à votação. Essa prática refletia a importância da coesão e colaboração dentro das comunidades cossacas, destacando a relevância do diálogo e da tomada de decisões de modo conjunto.

Taras Bulba, não obstante seu tamanho reduzido e seu formato em prosa, é, em essência, um texto de caráter épico. Sua temática gira em torno da guerra, assunto, em si mesmo, já todo propenso para as narrativas epopeicas. Mas, não apenas da temática guerreira *Taras Bulba* extrai a sua natureza épica. Os atores do drama bélico são homens extraordinários – tanto física quanto espiritualmente. Os cossacos são descritos de forma notável já desde o princípio do texto, quando Bulba reencontra os seus dois filhos, que passaram anos num seminário em Kiev, instruindo-se. Inclusive, esse reencontro entre a família Bulba – Taras, Ostap (o primogênito) e Andrii – já evidencia o caráter brutal das relações entre os cossacos. Ao ver os filhos vestidos nos trajes característicos do seminário, o velho pai não pôde deixar de rir. Essa reação provoca a ira de Ostap que lhe pede para parar de rir imediatamente. Taras responde:

> "como eles são sensíveis! Por que eu não deveria rir?" "Porque, embora você seja meu pai, se você rir, pelos céus, eu vou bater em você!" "Ah, que tipo de filho você é? Quê, seu pai!" exclamou Taras Bulba, recuando vários passos com espanto. "Sim, até meu pai. Não paro para considerar as pessoas quando se trata de um insulto." "Então, você quer lutar comigo? Com seus punhos, hein?" "De qualquer modo." "Bem, que seja com punhos", disse Taras Bulba, arregaçando as mangas: "vou ver que tipo de homem você é com os punhos." E pai e filho, em vez de uma saudação agradável após longa separação, começaram a desferir golpes pesados nas costelas, nas costas e no peito, ora recuando e olhando um para o outro, ora atacando novamente. "Olha, boa gente! O velho enlouqueceu! Ele perdeu completamente o sentido!" gritou sua mãe pálida, feia e gentil, que estava na soleira e ainda não havia conseguido abraçar seus queridos filhos. "As crianças voltaram para casa, não as vemos há mais de um ano; e agora ele sofreu de alguma loucura absurda – ele os está atacando." "Sim, ele luta bem", disse Bulba, fazendo uma pausa; "bem, pelos céus!" ele continuou, como se estivesse se desculpando, "embora ele nunca tenha tentado isso antes. Ele será um bom cossaco! Agora, seja bem-vindo, filho! Abrace-me", e pai e filho começaram a trocar beijos. "Bom menino! Veja se você bate em todos do mesmo modo que você estava me esmurrando; não deixe ninguém escapar. Mesmo assim, suas roupas são ridículas. Que corda é essa pendurada aí? – E você, seu idiota, por que está aí parado com as mãos penduradas ao seu lado?" Ele acrescentou, voltando-se para o mais novo. "Por que você não luta comigo? seu filho da mãe!" (Gogol, 1886 [1835], p. 7-8).

A já quase idosa esposa de Taras Bulba, torturada pelo longo tempo de saudade provocada pela ausência dos filhos, anseia e clama por permanecer ao lado de suas crias, no que é prontamente frustrada pela ordem imperiosa do velho Bulba: "chega, você já uivou o suficiente, velha! Um cossaco não nasce para correr atrás de mulheres." (Gogol, 1886 [1835], p. 9). A propósito, já no início da narrativa, Gogol delineia o contexto geral de existência do homem cossaco:

> ele era um daqueles personagens que só poderiam existir naquele feroz século XV, naquele canto meio nômade da Europa, quando todo o Sul, a Rússia original, abandonada por seus príncipes, foi devastada, queimada até a raiz por impiedosas tropas de saqueadores mongóis; quando homens privados de casa e lar se tornavam bravos então; quando, em meio a conflagrações, diante de vizinhos ameaçadores e terrores ininterruptos, eles se acomodaram e se acostumaram a olhá-los diretamente na face, e treinaram a si mesmos para não saber que existia algo chamado medo no mundo; quando o velho e pacífico espírito eslavo foi incendiado com as chamas da guerra, e o estado cossaco foi instituído – uma celebração livre e selvagem da natureza russa – e quando todas as margens dos rios, vaus e locais adequados foram povoados por cossacos, cujo número nenhum homem sabia. (Gogol, 1886 [1835], p. 16-17).

A chegada dos filhos de Bulba assinala o início do processo narrativo propriamente dito em *Taras Bulba*, pois, confinados por longo tempo no seminário e, uma vez chegados à plena maturidade, é o momento de se integrarem numa comunidade cossaca e concluir seu processo de formação como cossacos. É em tal comunidade – a Zaporozhzhe – que o cossaco adquire os fundamentos de seu *modus vivendi* guerreiro e aprende a odiar os inimigos da fé ortodoxa: turcos, tártaros e poloneses. Note-se que aqui temos um primeiro ponto significativo na construção do perfil guerreiro do cossaco: seu círculo de adversários. Assoma o caráter étnico-religioso desse antagonismo: turcos fiéis à lei de Muhammad, tártaros cultores de um paganismo de origem mongólica, e poloneses católicos. Assim, a guerra cossaca é, em grande medida, estabelecida sobre um caráter religioso e adquire foros de cruzada. Como afirma Gogol, a respeito do seu personagem principal:

> muitos haviam adotado os costumes poloneses e começaram a exibir luxo em esplêndidas equipes de criados, falcões, caçadores, jantares e palácios. Isso não era do gosto de Taras. Ele gostava da vida simples dos cossacos e brigou com seus camaradas inclinados ao partido de Varsóvia, chamando-os de servos dos nobres poloneses. Sempre alerta, ele se considerava o protetor legal da fé ortodoxa. (Gogol, 1886 [1835], p. 20-21).

Para Bulba, a existência se sintetiza no ideal de honra guerreira e de fidelidade religiosa, como se pode observar na passagem em que ele pede à esposa que abençoe seus filhos que estão a caminho da comunidade de guerreiros: "'agora, mãe, abençoe seus filhos', disse Bulba. 'Ore a Deus para que eles possam lutar bravamente, sempre defender sua honra guerreira, sempre defender a fé de Cristo; e, se não, que eles morram, para que seu fôlego não perdure no mundo.'" (Gogol, 1886 [1835], p. 28). Ente bárbaro, ser em que espírito e corpo se aglutinam de modo inextricável e cuja vontade sintetiza toda a inclinação de sua natureza indomável, Bulba é o símbolo maior do modo de ser cossaco, é o protótipo do guerreiro em estado puro. Há a sua fé, e há a

sua prole; há a sua comunidade de irmãos na crença ortodoxa e na honra militar; há a força de seus membros e a rapidez de sua montaria; há o gosto forte da *gorielka* (vodca) que conduz à embriaguez; há seu praguejar diante de uma perda e seu celebrar frente às conquistas da vida; e quando Taras Bulba sorri, todo o universo se alegra com ele, pois sua alegria brota do que existe de mais autêntico na condição humana; quando chora é como se tudo estivesse irremediavelmente perdido e o mundo chegasse ao seu fim.

Era nessa comunidade guerreira, a *Sich*, que se cultuava o *modus vivendi* cossaco em sua essência mais própria. Eis o seu retrato pintado por Gogol (1886 [1835], p. 57-58): quando não se encontravam às voltas com os exercícios militares,

> todo o resto do tempo era dedicado à folia – um sinal da ampla difusão de liberdade moral. (...) a maioria se entregava à farra desde a manhã até a noite, se tivessem dinheiro tilintando nos bolsos e se o saque que haviam capturado ainda não tivesse passado para as mãos dos comerciantes e vendedores de bebidas. Essa folia universal tinha algo fascinante. Não era uma reunião de beberrões que se embriagavam para afogar a tristeza, mas simplesmente uma celebração selvagem de alegria. Cada um que ali chegava esquecia tudo, abandonava tudo o que até então lhe interessara. Ele, por assim dizer, cuspia no seu passado e se entregava imprudentemente à liberdade e ao bom companheirismo de homens do mesmo tipo que ele – ociosos que não têm parentes, nem casa, nem família, nada, em suma, exceto o céu livre e a eterna festa de suas almas. Isso deu origem àquela alegria selvagem que não poderia ter surgido de nenhuma outra fonte.

À intensa celebração da vida, contudo, irmanavam-se os indeléveis ímpetos belicosos, como parte intrínseca do estado de espírito dos membros participantes da comunidade de cossacos:

> havia muitos líderes que depois se distinguiram nos exércitos do rei; e havia numerosos integrantes inteligentes que nutriam uma convicção magnânima de que o lugar onde lutavam não tinha importância, desde que lutassem, já que era uma vergonha para um homem honrado viver sem lutar. Muitos vieram para a Setch para poder dizer depois que estiveram lá e, portanto, eram guerreiros endurecidos. Mas quem não estava lá? Essa estranha república era uma consequência necessária da época. Os amantes da vida guerreira, das taças de ouro e dos ricos brocados, dos ducados e das peças de ouro, sempre encontravam ali emprego. Somente os amantes das mulheres não conseguiam encontrar coisa alguma, pois nenhuma mulher ousava se mostrar, mesmo nos subúrbios da Setch. (Gogol, 1886 [1835], p. 60-61).

Assim, como a Sich era o espaço por excelência de uma alegria natural, bárbara e viril, também o era da crueldade sem limites e de um código de justiça férreo:

> se um cossaco roubasse a menor ninharia, seria considerado uma vergonha para toda a comunidade cossaca. Ele era amarrado à coluna da vergonha, e uma clava era colocada ao seu

> lado, com a qual cada transeunte deveria desferir-lhe um golpe, até que, dessa maneira, ele fosse espancado até a morte. Aquele que não pagava as suas dívidas era acorrentado a um canhão, até que algum dos seus camaradas decidisse resgatá-lo, pagando as suas dívidas por ele. (Gogol, 1886 [1835], p. 64).

O assassinato era punido de forma terrível: "um buraco foi cavado em sua presença, o assassino foi baixado vivo nele, e sobre ele foi colocado um caixão contendo o corpo do homem que ele havia matado, após o que a terra foi jogada sobre ambos". (Gogol, 1886 [1835], p. 64-65). Um líder eleito para comandar a Sich não era persuadido a aceitar o posto de forma mais amável:

> dois deles o agarraram pelos braços; e apesar de ele ter plantado os pés com firmeza, finalmente o arrastaram para a praça, acompanhando seu avanço com gritos, socos por trás, chutes e exortações. "Não se negue, seu filho de Satanás! Aceite a honra, seu cão, quando ela lhe for dada!" (Gogol, 1886 [1835], p. 73).

No mesmo momento em que a alegria domina as mentes e os espíritos dos zaporozhzhianos, uma fúria implacável pode se apresentar, como acontece quando um pogrom em escala reduzida se desencadeia, tendo por alvo a comunidade de judeus que vive em torno dos cossacos e aproveita para extrair algum lucro, satisfazendo as suas necessidades por itens não disponíveis nas regiões circunvizinhas. A cruel intolerância cossaca é suscitada pela acusação de que os judeus estariam aliados aos católicos poloneses na perseguição dos crentes ortodoxos. O morticínio, porém, é desencadeado pela fala de um dos judeus que, inadvertidamente, se refere aos zaporozhzhianos como irmãos. Tal fato – que revela, uma vez mais, a mentalidade, o orgulho e a intransigência desses guerreiros – é o estopim que deflagra o pogrom. Eis o brado que faz irromper a fúria cossaca generalizada contra os filhos de Israel: "não esperem! Os malditos Judeus! Para o Dnieper com eles, senhores! Afoguem todos os infiéis!" (Gogol, 1886 [1835], p. 90). Diante de tal cena, "os duros zaporozhzhianos apenas riram quando viram as pernas judias, envoltas em sapatos e meias, balançando no ar." (Gogol, 1886 [1835], p. 90-91).

Uma outra passagem marcada por terrível violência, e que caracteriza, nitidamente, a conduta cossaca, encontra-se numa dos trechos finais da narrativa, em que se descreve a fúria bárbara e sem limites dos guerreiros – promovida pela terrível

execução de Ostap e de outros cossacos em praça pública – que não poupam, em seu caminho, nenhuma vida polonesa:

> "não poupem nada", foi a ordem de Taras. Os cossacos não pouparam as damas de sobrancelhas negras, as donzelas reluzentes e de colos brancos: essas não puderam salvar-se nem no altar, pois Taras as queimou com o próprio altar. Mãos brancas como neve foram erguidas para o céu em meio a chamas ardentes, com gritos terríveis que teriam levado a própria terra úmida à piedade e feito a grama da estepe se curvar com compaixão por seu destino. Mas os cruéis cossacos não prestavam atenção; e, erguendo as crianças nas ruas, sobre as pontas de suas lanças, também as lançavam às chamas." (Gogol, 1886 [1835], p. 288-289).

Essa violência, que integra de forma natural a vida quotidiana dos cossacos, por vezes inunda a narrativa de Gogol e empresta cores fortes às circunstâncias relatadas. Durante o acirrado combate que acompanha o cerco da cidade polonesa de Dubno, o momento final da luta entre um nobre polonês e o cossaco Kukubenko é descrito da seguinte forma:

> Kukubenko, pegando sua espada pesada com as duas mãos, enfiou-a em sua boca. A espada, quebrando dois dentes, cortou a língua em duas, perfurou a traqueia e penetrou profundamente na terra, pregando-o no chão. Seu sangue nobre, vermelho como bagas de viburno à beira do rio, jorrava em um riacho manchando seu cafetã amarelo bordado em ouro." (Gogol, 1886 [1835], p. 176).

Igualmente, a dureza cossaca se apresenta na passagem em que o velho Bulba reencontra Andrii, agora membro da cavalaria polonesa, em ataque às hostes cossacas. Capturando o filho traidor, o velho Taras Bulba lhe dispensa o seguinte tratamento inclemente:

> "e pensar que você seria um traidor! Que você trairia a sua fé! Trairia seus companheiros! Desça do cavalo!" Obediente como uma criança, ele desmontou e ficou diante de Taras, mais morto do que vivo. "Fique parado, não se mova! Eu te dei a vida, eu também vou te matar!" – disse Taras e, recuando um passo, levou a arma ao ombro. Andrii estava branco como um lençol; seus lábios se moveram suavemente e ele pronunciou um nome; mas não era o nome de sua terra natal, nem de sua mãe, nem de seu irmão; era o nome da bela polonesa. Taras disparou. (Gogol, 1886 [1835], p. 234).

Um dos momentos mais notáveis da narrativa de Gogol é o instante em que o jovem cossaco Ostap é levado para ser submetido a uma sessão de tortura pública que deve anteceder a execução final de sua sentença de morte. Disfarçado em meio à multidão, o velho Bulba acompanha os momentos finais do filho, incapaz de livrá-lo

das garras dos poloneses. Diante dos seus algozes, o bravo cossaco demonstra uma firmeza de espírito e uma coragem inabaláveis. Dirigindo-se aos seus companheiros de infortúnio, Ostap se pronuncia:

> "Deus permita que nenhum dos hereges que estão aqui presentes possam ouvir, cães impuros, como os cristãos sofrem! Que nenhum de nós profira uma única palavra." Após isso, ele subiu ao cadafalso. (...) Ostap suportou a tortura como um gigante. Não se ouviu um grito, nem um gemido. Mesmo quando começaram a quebrar os ossos de suas mãos e pés, quando, em meio ao silêncio sepulcral da multidão, o horrível estalo era audível até para os espectadores mais distantes; quando até mesmo seus algozes desviaram os olhos, nada parecido com um gemido escapou de seus lábios, nem seu rosto estremeceu. Taras estava na multidão com a cabeça baixa; e, erguendo os olhos com orgulho naquele momento, ele disse, aprovando: "muito bem, filho! Muito bem!" (Gogol, 2013, p. 277-278).

Um ponto fundamental de mobilização e direcionamento da narrativa está na chegada de um grupo de cossacos de outra região da Ucrânia que se encontra sob ataque de poloneses. Após descrever a terrível situação imposta a seus compatriotas pelo inimigo católico, uma profunda transformação se opera nos indômitos habitantes de Zaporozhzhi:

> todos, jovens e velhos, queriam participar da expedição; e foi decidido, seguindo o conselho dos líderes, dos hetmans[6] dos kurens[7], e do koschevoi[8], e com a aprovação de todo o exército zaporozhzhiano, marchar diretamente para a Polônia, para vingar a ofensa e a desonra à sua fé e ao renome dos cossacos, saquear as cidades, queimar vilarejos e colheitas, e espalhar sua glória por toda a estepe. Todos se armaram e se prepararam ao mesmo tempo. O koschevoi cresceu um palmo em altura. Ele não era mais o executor tímido dos desejos inquietos de um povo livre, mas sim seu mestre sem restrições. Ele era um déspota, que só sabia comandar. Todos os guerreiros independentes e amantes do prazer ficaram em uma linha ordenada, com cabeças respeitosamente inclinadas, sem ousar levantar os olhos quando o koschevoi dava suas ordens. Ele as dava calmamente, sem gritar e sem pressa, mas com pausas entre elas, como um homem experiente, profundamente versado nos assuntos cossacos e executando, não pela primeira vez, um empreendimento sabiamente amadurecido. (Gogol, 1886 [1835], p. 92-93).

No sexto capítulo, Gógol apresenta um extraordinário retrato dos cossacos não mais em sua terra natal, entregues aos excessos da vida quotidiana, mas em seu ímpeto guerreiro. Sua ação, enquanto formação militar, prima pela disciplina, pela eficiência e pela brutalidade:

---

[6] *Hetman* era um título militar utilizado pelos cossacos para se referir aos seus líderes. Era equivalente a um comandante-chefe ou chefe militar. O *hetman* liderava as forças cossacas em tempos de guerra e desempenhava um papel importante, igualmente, na tomada de decisões políticas e administrativas.

[7] *Kurens* eram unidades militares dos cossacos. Cada *kuren* era liderado por um *hetman* e consistia em um grupo definido de guerreiros, servindo como uma unidade organizacional dentro da sociedade cossaca.

[8] O termo *koschevoi* se refere ao líder supremo dos cossacos, muitas vezes equivalente ao *hetman* geral ou líder principal.

> todos sabiam que era difícil lidar com a multidão furiosa e guerreira conhecida pelo nome de exército zaporozhzhiano; um corpo que, sob o seu exterior independente e desordenado, escondia uma organização bem calculada para tempos de batalha. Os cavaleiros cavalgavam com firmeza, sem sobrecarregar ou acalorar os cavalos; os soldados de infantaria marchavam apenas à noite, descansando durante o dia, e selecionando para esse fim áreas desérticas, locais desabitados e florestas, que então eram abundantes. Espiões e batedores foram enviados à frente para estudar a hora, o local e o método de ataque. E eis! Os zaporozhzhi apareciam de repente nos lugares onde menos se esperava: então, todos eram mortos à espada; as aldeias eram queimadas; e os cavalos e gado que não eram encaminhados atrás do exército, mortos no local. Eles pareciam estar festejando ferozmente, em vez de realizar uma expedição militar. Hoje em dia, os nossos cabelos ficariam em pé com os traços horríveis daquela era feroz e semicivilizada, que os zaporozhzhi exibiam por toda a parte: crianças mortas, tórax de mulheres abertos, a pele esfolada das pernas até aos joelhos, e a vítima então colocada em liberdade. Em suma, os cossacos pagaram as suas dívidas anteriores em moedas de pleno peso. (Gogol, 1886 [1835], p. 99-100).

Trata-se de um mundo eminentemente masculino, como se pode perceber pela deplorável situação desfrutada pela esposa de Taras: "ela viveu apenas por um momento de amor, apenas durante o primeiro ardor da paixão, apenas durante o primeiro ímpeto da juventude; e então seu cruel traidor a abandonou pela espada, por seus camaradas e suas farras." (Gogol, 1886 [1835], p. 24). Uma vez satisfeitos os primaveris ardores da carne e desgastados os arroubos juvenis pela monotonia da vida quotidiana, o cossaco negligencia a esposa, substituindo-a pelas paixões inextinguíveis em seu espírito: a guerra e a irmandade de guerreiros. A esposa, tratava-a Taras Bulba da seguinte forma: "'e onde está a velha?' (Ele geralmente chamava sua esposa assim.) 'Seja rápida, velha, traga algo para comermos: o caminho é longo.'" (Gogol, 1886 [1835], p. 24).

Passemos, agora, a abordar alguns elementos da realidade sertaneja, conforme sintetizada na obra de Guimarães Rosa. Etimologicamente[9], sertão remete, segundo Antenor Nascentes (1955, p. 466), a *desertão*[10]:

> a palavra figura quase sempre com a conotação de um lugar longínquo e não litorâneo. Tal noção de distância, do lugar de movimento de pessoas e mercadorias, é presente em muitas outras menções e interpretações na literatura como um denotativo da solidão de – ou que se sente em – um vasto território. (Tomasoni, 2019, p. 70).

[9] Segundo Helder Alexandre Medeiros de Macedo (2019, p. 2), baseando-se na interpretação "da qual mais se aproxima a maioria dos estudos que se dedicaram a refletir sobre a origem da palavra sertão no Brasil", a origem etimológica dessa palavra estaria no termo latino *sertanus*. Contudo, não nos foi possível apurar a existência desse termo da língua latina, nem registrado no *Oxford Latin Dictionary*, editado por P. G. W. Glare, nem no *Dicionário Latino Português*, de Francisco Torrinha.

[10] A qual, por seu turno, provém do adjetivo latino *desertus*, *a*, *um*, cujo significado é *lugar ermo*; *ambiente selvático* (*não cultivado*); *deixado abandonado*.

Com relação à localização geográfica do sertão, pode se notar que

> a área do semiárido, que abrange o chamado Polígono das Secas, confunde-se em grande parte com a região denominada pelos seus habitantes como sertão nordestino. Abrange uma área que vai do Piauí à Bahia, embora o Polígono das Secas se estenda desde o Piauí até o norte de Minas Gerais, englobando 1.262 municípios. (Dias, 2019, p. 57).

Segundo Grace Bungenstab Alves (2019, p. 99), "essa área corresponde a quase um quinto do país, abrangendo municípios de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe." Além disso, é relevante mencionar que "os sertões nordestinos com clima semiárido abrigam, atualmente, o bioma caatinga." (Alves,2019, p. 99). Em verdade, todavia, deve-se notar que

> "Sertão" é um termo de significados amplos e, em princípio, como historicamente foi usado, não se confundia com uma determinada região geográfica brasileira. "Sertão" era usado para se referir a um local não colonizado, lugar rural, toda área distante do litoral, avesso à modernidade, palco de secas, de resistência ou de misérias. "Sertão" é um termo que remete a memórias coletivas variadas, mas também ao indivíduo, o sertão do sertanejo… (Dias, 2019, p. 59).

Porém, assim como faz Dias (2019, p. 59), propomos, aqui, "o sertão nordestino como uma região – no caso, uma região que tem os menores índices pluviométricos do país, concentrados em poucos meses do ano; que é o semiárido mais densamente povoado do mundo." Nas palavras extremamente acuradas de Walnice Nogueira Galvão (1972, p. 25),

> dá-se o nome de sertão a uma vasta e indefinida área do interior do Brasil, que abrange boa parte dos Estados de Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, Goiás e Mato Grosso. É o núcleo central do país. Sua continuidade é dada mais pela forma econômica predominante, que é a pecuária extensiva, do que pelas características físicas, como tipo de solo, clima e vegetação.

Para ilustrar o aspecto físico do sertão, faremos uso de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, em sua insuperável descrição, na passagem denominada de *A Terra*. É facilmente perceptível que o elemento determinante do caráter do sertão é a grande escassez de água. Tal escassez, associada às elevadas temperaturas, que tendem a fazer evaporar os minguados recursos hídricos que por lá aparecem, imprimem ao sertão uma configuração natural própria. Como observa Billy Jaynes Chandler (1980, p. 20), na época das estiagens,

> os rios secam e as pastagens verdes e outras plantas morrem, exceto as espécies afeitas àquelas mutações periódicas. Essas plantas e árvores resistentes e de raízes profundas, algumas sempre verdes, salvam a paisagem de uma aparência de completa desolação durante o verão.

Flora e fauna peculiares – espécies aptas à sobrevivência em um meio assim tão hostil – compõem o cenário particular do sertão. O tom monocromático predominante da vegetação ressequida – signo óbvio das dificuldades que a vida por lá encontra para se fazer presente –, a agressividade dos animais venenosos, especialmente da cascavel, cujo chocalho avisa sobre a morte que ronda nas imediações, o calor que desidrata e destrói os incautos; são tantos os desafios e empecilhos à existência do homem que Euclides da Cunha foi fidedigno ao afirmar a força do nordestino como sua característica fundamental. Inclusive, é desse mesmo autor, uma noção que se tornou largamente aceita entre intelectuais que pensavam a realidade espacial brasileira: aquela de "dois Brazis" – o litorâneo e o interiorano (Machado, 2000, p. 337). Acerca desse último, deve-se destacar a ideia dos espaços vazios: "a invisibilidade da presença humana é muitas vezes levantada como um traço característico desses espaços, não raro definidos como 'vazios demográficos' ou 'terras desocupadas'." (Moraes, 2003, p. 1).

Para Euclides da Cunha (2002 [1902], p. 19), conforme impressões registradas n'*Os Sertões*,

> as condições estruturais da terra lá se vincularam à violência máxima dos agentes exteriores para o desenho de relevos estupendos. O regime torrencial dos climas excessivos, sobrevindo, de súbito, depois das insolações demoradas, e embatendo naqueles pendores, expôs há muito, arrebatando-lhes para longe todos os elementos degradados, as séries mais antigas daqueles últimos rebentos das montanhas: todas as variedades cristalinas, e os quartzitos ásperos, e as filades e calcários, revezando-se ou entrelaçando-se, repontando duramente a cada passo, malcobertos por uma flora tolhiça – dispondo-se em cenários em que ressalta, predominante, o aspecto atormentado das paisagens.

Em seu aspecto climático, nota-se que a realidade sertaneja é caracterizada por uma bipolaridade extremada:

> as forças que trabalham a terra atacam-na na contextura íntima e na superfície, sem intervalos na ação demolidora, substituindo-se, com intercadência invariável, nas duas estações únicas da região. Dissociam-na nos verões queimosos; degradam-na nos invernos torrenciais. (Cunha, 2002 [1902], p. 20).

Os efeitos nocivos de toda essa intensidade dúplice não se deixam demorar em ser percebidos:

> as fortes tempestades que apagam o incêndio surdo das secas, em que pese a revivescência que acarretam, preparam de algum modo a região para maiores vicissitudes. Desnudam-na rudemente, expondo-a cada vez mais desabrigada aos verões seguintes; sulcam-na numa molduragem de contornos ásperos; golpeiam-na e esterilizam-na; e ao desaparecerem, deixam-na ainda mais desnuda ante a adustão dos sóis. O regime decorre num intermitir deplorável, que lembra um círculo vicioso de catástrofes. (Cunha, 2002 [1902], p. 64).

O extremo das chuvas torrenciais, por um lado, e o sol escaldante, por outro, revelam-se elementos agressores, dotados de absoluta inclemência perante a vulnerável camada da biosfera do semiárido brasileiro. Inclusive, tão intensa oscilação climática pode ser encontrada também no contexto das estepes ucranianas, apresentando verões com temperaturas elevadas e invernos congelantes. A propósito dessas configurações geoclimáticas, o próprio paralelo que buscamos aqui sustentar já era antevisto por Euclides da Cunha (2002 [1902], p. 40-41):

> então, a travessia das veredas sertanejas é mais exaustiva que a de uma estepe nua. Nesta, ao menos, o viajante tem o desafogo de um horizonte largo e a perspectiva das planuras francas. Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado: árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante…

Ainda sobre essa geografia do sertão – conforme apresentada por Guimarães Rosa no texto em análise –, deve-se observar o sentido geográfico da expressão *veredas*:

> as veredas são as formas que mais se destacam na paisagem do norte e noroeste do estado de Minas Gerais (...), são vales rasos, com vertentes côncavas e arenosas de caimento pouco pronunciado e fundo plano. Identificou-se as veredas de planalto e as de depressão originadas da exsudação do lençol freático. (Ferreira *et al.*, 2023, p. 16).

Diretamente decorrente de tal situação geográfica, a atividade pastoril se converte na atividade econômica por excelência da região:

> o pastoreio foi o grande fator da colonização do sertão nordestino. Após a penetração, o colono estabeleceu o curral fixando-se na terra. (...) foi a criação de gado que resolveu o problema da ocupação e colonização da caatinga, cujo solo endurecido afastou qualquer tipo de lavoura

> intensiva e permanente. Apenas o gado, que se aclimatou na caatinga, permitiu a colonização do Nordeste, onde se desenvolveu uma civilização essencialmente pastoril. (Santos Filho, 1956, p. 205).

Examinemos, agora, a obra de Guimarães Rosa em busca de elementos literários que indiquem a conformação do caráter do homem do sertão. Uma primeira passagem altamente ilustrativa acerca do *modus operandi* dos indivíduos que habitam aquelas regiões é apresentada num dos trechos ainda iniciais da narrativa:

> lá o prazer trivial de cada um é judiar dos outros, bom atormentar (...). Repenso no acampo da Macaúba da Jaíba, soante que mesmo vi e assaz me contaram; e outros – as ruindades de regra que executavam em tantos pobrezinhos arraiais: baleando, esfaqueando, estripando, furando os olhos, cortando línguas e orelhas, não economizando as crianças pequenas, atirando na inocência do gado, queimando pessoas ainda meio vivas, na beira de estrago de sangues... (Guimarães Rosa, 1994 [1956], p. 61-62).

Mais adiante, a mesma personagem, Riobaldo, complementa acerca da crueldade atrelada ao estado de guerra que não possuía nem começo e nem fim: "tudo, naquele tempo, e de cada banda que eu fosse, eram pessoas matando e morrendo, vivendo numa fúria firme" (Guimarães Rosa, 1994 [1956], p. 194). Essa passagem, que retrata a conduta do jagunço, muito facilmente caberia, à perfeição, nas descrições feitas por Gogol acerca das campanhas militares dos cossacos. Com frequência, a violência e a crueldade desmedidas são práticas costumeiras em ambientes marcados pelo estigma das inclemências da natureza e da guerra, quer falemos das estepes russas quer do sertão brasileiro. Frequentes, severas, ilimitadas são as vicissitudes do homem sertanejo nesse contexto. Para um meio tão ameaçador, um indivíduo tão duro quanto. Transplantados para o sertão, os modelos sociais ibéricos de natureza feudal ajudaram a definir um perfil humano cuja têmpera fora forjada num meio grandemente hostil. Pode-se encontrar no sertão algo da indolência burguesa? De modo algum. Como afirma Riobaldo, referindo-se ao jagunço Ricardão, do bando de Joca Ramiro, "se gordo próprio não era, isso só por no sertão não se ver nenhum homem gordo." (Guimarães Rosa, 1994 [1956], p. 374). Vida dura e privações impossibilitam ao homem acumular adiposidades numa existência tranquila e acomodada. Rijo de corpo e de espírito, o jagunço é a própria negação do homem burguês. Ademais, é justamente quando, mais recentemente, o modus vivendi ditado pelo capital se torna dominante na realidade social e geográfica do sertão, que o jagunço perde a sua identidade e se torna elemento estranho,

desenraizado e marginalizado. Como lucidamente observa Riobaldo, nos novos tempos, "os bandos bons de valentões repartiram seu fim; muito que foi jagunço, por aí pena, pede esmola." (Guimarães Rosa, 1994 [1956], p. 28).

Uma vez que a narrativa de *Grande Sertão* se desenvolve por entre dois polos morais definidos e estanques – o Bem, representado por Joca Ramiro, e o Mal, representado por Hermógenes – a própria noção de *ethos* aplicável ao texto se prende a tais parâmetros. Analisemos, a seguir, o trecho do julgamento de Zé Bebelo. Após a derrota do inimigo dos jagunços de Joca Ramiro, passa-se a discutir sobre o destino que deve ser dado a ele. Nas falas de todos os que se pronunciam a respeito, uma só questão se faz presente: deve-se matar ou não o oponente derrotado? Para Hermógenes, o destino dado devia ser "amarrar este cujo, feito porco. O sangrante... Ou então botar atravessado no chão, a gente todos passava a cavalo por riba dele – a ver se vida sobrava, para não sobrar!" (Guimarães Rosa, 1994 [1956], p. 368). Já para Só Candelário, Zé Bebelo culpado não era de crime algum: valente, lutou e perdeu com dignidade. Crime? "Crime, que sei, é fazer traição, ser ladrão de cavalos ou de gado... não cumprir a palavra..." (Guimarães Rosa, 1994 [1956], p. 372). Como defende Titão Passos:

> este homem não tem crime constável. Pode ter crime para o Governo, para delegado e juiz-de-direito, para tenente de soldados. Mas a gente é sertanejos, ou não é sertanejos? Ele quis vir guerrear, veio – achou guerreiros! Nós não somos gente de guerra? Agora, ele escopou e perdeu, está aqui, debaixo de julgamento. A bem, se, na hora, a quente a gente tivesse falado fogo nele, e matado, aí estava certo, estava feito. Mas o refrego de tudo já se passou. Então, isto aqui é matadouro ou talho?... Ah, eu, não. Matar, não..." (Guimarães Rosa, 1994 [1956], p. 377).

E é Riobaldo que conclui as observações: o réu "é homem valente de bem, e inteiro, que honra o raio da palavra que dá! Aí. E é chefe jagunço, de primeira, sem ter ruindades em cabimento, nem matar os inimigos que prende, nem consentir de com eles se judiar..." (Guimarães Rosa, 1994 [1956], p. 383-384).

Hermógenes, ícone maior e personificação do mal no *Grande Sertão*, não somente é responsável pela morte de Joca Ramiro – líder que em tudo se assemelha, tamanha é a sua grandeza, ao atrida homérico Agamémnon – como o faz de maneira vil: "o Hermógenes distanciou Joca Ramiro de Só Candelário, com falsos propósitos, conduziu Joca Ramiro no meio de quase só gente dele, Hermógenes, mais o pessoal do

Ricardão. Aí, atiraram em Joca Ramiro, pelas costas, carga de balas de três revólveres..." (Guimarães Rosa, 1994 [1956], p. 419). Finda a guerra contra Zé Bebelo, a morte de Joca Ramiro dá início a outra que, desde então, torna-se a razão de ser da narrativa roseana. Um crime à traição fora cometido contra um chefe da mais elevada virtude moral e da mais perfeita competência guerreira. A vida desses jagunços, doravante, resume-se na guerra com vistas a vingar uma transgressão hedionda contra a honra.

Tanto a natureza do espaço sertanejo, quanto do próprio caráter do jagunço se sintonizam com o que Antonio Candido (1977, p. 146-147) denominara de *princípio de reversibilidade*: "em função dele, assim como a geografia desliza para o símbolo e o mistério, apesar da sua rigorosa precisão, o jagunço oscila entre o cavaleiro e o bandido." Ou seja, "naquele sertão, o jaguncismo pode ser uma forma de estabelecer e fazer observar normas, o que torna o jagunço um tipo especial de homem violento e, por um lado, o afasta do bandido." (Candido, 1977, p. 148). Como guerreiro, "o risco e a disciplina dão ao jagunço uma espécie de dignidade não encontrada em fazendeiros (...) que o empregam para seus fins." (Candido, 1977, p. 148). Como bem observa Walnice Nogueira Galvão (1972, p. 18), fazendo uso de palavras que caberiam, à perfeição, para descrever o ethos cossaco,

> o jagunço não é um criminoso vulgar. As noções de honra e de vingança, bem como o cunho coletivo de sua atuação, estão inextricavelmente ligadas à sua figura. O jagunço não é um assassino: ele é um soldado numa guerra; o jagunço não mata: ele guerreia; o jagunço não rouba: ele saqueia e pilha. (...) A tradição atribui lances cavalheirescos ao jagunço, relatando como reconhece e premia a valentia de um adversário, como respeita mulheres e velhos, como tira dos ricos para dar aos pobres.

Em sua ambiguidade, o mesmo indivíduo que se comporta desse modo, observando parâmetros de conduta pautados por um senso ético estabelecido a partir de uma lógica de valor pessoal, pode se tornar personagem principal de um enredo no qual "relatos históricos de sadismo, torturas requintadas e crueldade sem limites também são numerosos; Riobaldo mata, estupra, incendeia, destrói." (Galvão, 1972, p. 18).

O espaço físico – geográfico – do sertão, reveste-se de um caráter ontologicamente oscilante e, por isso mesmo, em sua essência última, indevassável. O mesmo vale para o homem que o habita e nele tem o seu ser. Há, pois, "em Guimarães

Rosa, um 'ser jagunço' como forma de existência, como realização ontológica no mundo do sertão." (Candido, 1977, p. 149). Com efeito, temos

> o sertão, transformado em espaço privilegiado e único, para que nele exista o jagunço. Aqui, ocorrem quase apenas jagunços, agrupados em bandos enormes, vivendo em contacto com outros jagunços, obedecendo a chefes jagunços, movendo-se conforme uma ética de jagunços, num mundo separado do resto do mundo, descartadas as cidades e suas leis. (Candido, 1977, p. 150).

Em verdade, para aquele indivíduo que insiste em permanecer no espaço geográfico do sertão, no contexto abordado por Guimarães Rosa, restam-lhe apenas duas alternativas de sobrevivência: ou passa a gravitar em volta das grandes propriedades latifundiárias, desempenhando alguma atividade legalizada, atrelada a essa forma muitas vezes rudimentar de economia agropecuária, ou vai "engrossar as fileiras do banditismo jagunço desafiando a lei institucionalizada, oferecendo serviços de extorsão, roubo ou assassinato àqueles coronéis dispostos a pagar pelos serviços." (Barros, 2023, p. 175). O horizonte de expectativas do jagunço diante da existência se limita, pois, a bem reconhecer que "a vida já está assentada: comer, beber, apreciar mulher, brigar, e o fim final." (Guimarães Rosa, 1994 [1956], p. 71).

Como se pode perceber de um paralelo entre as duas narrativas, o modo guerreiro de existência se estabelece como o grande denominador comum entre ambos os contextos: tanto o cossaco quanto o jagunço têm na guerra o seu modo de vida por excelência e, em torno dessa atividade, sua existência adquire sentido, caráter e propósito. Oriundos ambos os agrupamentos, historicamente, de uma condição socioeconômica pastoril e nômade – e sendo a guerra o eixo central para ambos – é em torno dela que a noção de *valor* se desenvolve. Capital em tal contexto se afigura a ideia de *honra*. Honra pessoal é o parâmetro de julgamento da vida de cada homem, constituindo-se, fundamentalmente, sobre os critérios correlatos de coragem e de fidelidade. Por isso, Taras Bulba não hesita em matar Andrii, ao reconhecê-lo um desertor que se passou para as hostes inimigas; por isso, Hermógenes, traidor e covarde, merecia ser caçado até a morte pelos jagunços fiéis a Joca Ramiro. A vida individual, nesse cenário, passa a pouco valer. Com efeito, pensa o guerreiro, "a vida hei-de perdê-la de qualquer modo, em combate, por doença ou velhice – nada posso fazer que me

permita preservá-la indefinidamente; a honra, todavia, depende de minhas escolhas pessoais adquiri-la e conservá-la ou dela ver-me privado". Em ambientes como o sertão ou como a estepe – espaços naturais que, desprovidos das facilidades que caracterizam o *modus vivendi* burguês, exigem do indivíduo um cuidado ininterrupto com a sua própria sobrevivência –, o corpo e o caráter se forjam sob uma lei inclemente, dentro da qual a noção de satisfação pessoal se empalidece. Existe um ethos de fidalguia tanto para cossacos quanto para jagunços, fugir a isso é perder a honra pessoal e tornar a sua existência inaceitável. Porém, na guerra e na própria conduta do jagunço, existe um elemento que não está presente com a mesma magnitude formal que em *Taras Bulba*: a dimensão étnica-religiosa. O cossaco constrói a sua própria identidade tanto a partir da negação do seu estatuto de trabalhador ou camponês (uma negação endógena ao seu contexto social, portanto de natureza socioeconômica), quanto da diferenciação frente ao tártaro pagão, ao polonês católico e ao turco muçulmano. Para o jagunço, uma diferenciação nítida dessa natureza inexiste: sua guerra é uma questão de necessidade determinada, em última instância, pela realidade econômica e política. As questões religiosas em *Grande Sertão* dizem respeito, basicamente, ao drama interior de Riobaldo. A força motriz da guerra se acha no âmago do modo de organização da sociedade sertaneja e no embate entre esse modo de vida eminentemente feudal – no qual a guerra entre potentados e seus exércitos é uma constante inerente à própria lógica de apropriação da terra e de distribuição de poder – e o processo de ampliação da esfera de influência do Estado republicano, movido por ideais de concentração de poder.

Tais personagens guerreiras se filiam a uma muito longa tradição na literatura ocidental que claramente remete a Homero. Os reis gregos descritos na *Ilíada* estabelecem o exato parâmetro em caráter e em feitos para os *hetmans* cossacos e para os chefes dos jagunços. Nessa longa tradição literária, o líder é, pois, um guerreiro que chefia guerreiros. A conduta guerreira assim se define por se encontrar ferrenhamente atrelada a uma ética muito específica, conforme buscamos apontar ao longo deste artigo. Tal configuração ética, todavia, não procura o equilíbrio entre extremos: a conduta guerreira não se mostra equidistante, por um lado, da covardia e da pusilanimidade, e, por outro, da barbárie desmedida e da violência absoluta. Ainda que se possa postular uma relação causal que subsidie uma tênue racionalidade subjacente a esse exercício

desmedido de violência, em seu ápice, a força motriz para tais atitudes desconhece qualquer princípio humanizado, uma vez que se converte em força destruidora incontrolável e absoluta, do mesmo modo que acontece com eventos naturais cataclísmicos – terremotos, vulcões, furacões – que produzem terrível comoção na superfície terrestre e aniquilam tudo à sua volta. Como observar Jaime Ginzburg (1992, p. 91):

> a violência, aqui, não é definida como um meio para uma finalidade diferente dela. É uma violência com fim em si mesma, violência prazerosa, divertida. Estando aquém de uma lógica de dano e reparo, culpa e castigo, a violência não pode ser abordada pelos cânones de racionalidade, legalidade e justiça convencionais, vinculados à ideia de causalidade. Por esses cânones, é a qualidade da finalidade que pode definir o teor racional e a legitimidade do ato violento. Destituída de finalidades outras, fechada em si mesma, a violência desses personagens acena com a possibilidade humana de uma pura potência de destruição, indiferente à racionalidade e à ideia de justiça.

Todavia, existe uma diferença importante entre a realidade da violência cossaca e a jagunça. A primeira se verifica num espaço de guerra aberta e declarada, no qual inexistem instituições estatais efetivas que pudessem representar um limite ao seu exercício desenfreado; a realidade da violência jagunça ocorre em um contexto histórico de um estado politicamente autônomo e institucionalmente organizado – por mais que permita a existência de lacunas mais ou menos dilatadas, nas quais o seu controle efetivo é precário ou, mesmo, de todo inexistente. Ademais, o livre exercício da violência é um traço inequívoco de poder. A violência somente pode ser exercida contra todo aquele incapaz de defender a si próprio, ou seja, contra todo aquele desprovido das capacidades de se manter seguro e intacto e de suprimir a ameaça de agressão que o outro lhe dirige. Como bem o diz Riobaldo, "sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado!" (Guimarães Rosa, 1994 [1956], p. 19). Nas palavras de Walnice Nogueira Galvão (1972, p. 21) "a violência é uma prática rotineira, orientando o comportamento dos seres humanos em todos os níveis."

Em paralelo ao princípio da violência – e intrinsecamente associado a esse – tem-se o princípio da liberdade. Cossaco e jagunço, em suas respectivas configurações sociais e geográficas, alimentam o ideal da liberdade, unicamente limitada pelo respeito que atribuem aos seus chefes. Como diria Riobaldo, "sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar." (Guimarães Rosa, 1994 [1956], p. 28). A

realidade grandemente anárquica – reinante tanto na estepe quando no sertão – na qual a ingerência do Estado na vida dos indivíduos é fragmentada, diluída ou mesmo nula, viabiliza esse grau de soberania por parte do guerreiro, soberania assentada em sua habilidade e valor pessoal, bem como na consistência e capacidade de poder militar do grupo ao qual pertence. A imensidão geográfica da estepe e do sertão – a ausência de confinamentos espaciais e de limitações físicas, institucionais ou simbólicas – possibilita ao cossaco e ao jagunço, bem assentados no dorso de suas montarias, um deslocamento quase infinito e uma plena experiência de liberdade. Como observam Maria Célia Leonel e José Antonio Segatto (2005, p. 83), a propósito de *Grande Sertão: Veredas*,

> na narrativa rosiana, todavia, é também visível a idealização da jagunçagem, fixada, sobretudo, na ideia de uma vida de maior liberdade; mas esse aspecto não diminui o alto grau de violência – revelado em inúmeros momentos do romance – que o jagunço pratica em nome da justiça, da vingança contra os que desnorteiam o sertão, o que proclama a nobreza dessa atitude.

Muito mais do que realidades objetivas, geograficamente determináveis, o sertão e a estepe correspondem a espaços existenciais nos quais a condição humana é sistematicamente conduzida aos seus limites extremos na luta cotidiana pela sobrevivência e por um senso imperioso de dignidade própria. Quer na estepe, quer no sertão, o ethos possível é o do guerreiro por excelência – feitos os necessários ajustes entre ambos os contextos geográficos e históricos. Homens de um tempo em que o capitalismo ainda não dominava o mundo e que a própria noção de valor individual não se achava reduzida, meramente, ao sentido do ter e do acumular, cossacos e jagunços – guerreiros – deixaram impressas na literatura e no imaginário de suas sociedades marcas indeléveis que até hoje assustam, comovem e fascinam uma humanidade órfã de ideais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Grace Bungenstab. A formação das paisagens sertanejas no tempo e no espaço. In: BARROS, Joana et al. (Orgs.). *Sertão, sertões*: repensando contradições, reconstruindo veredas. São Paulo: Elefante, 2019. p. 98-113.

BALL, Warwick. *The Eurasian Steppe*: people, movement, ideas. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2021.

BARROS, Vinícius Victor A. A existência no fio da navalha: propriedade e violência em *Grande Sertão: Veredas*. In: *Intellèctus*, v. 22, n. 1, p. 171-183, jan. 2023.

BUCKLE, Henry Thomas. *History of Civilization in England*. New York: D. Appleton, 1884. Disponível em: https://archive.org/details/historyciviliza03buckgoog/mode/2up. Acesso em 30/01/2024.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

CHANDLER, Billy Jaynes. *Os Feitosas e o sertão dos Inhamuns*: a história de uma família e uma comunidade no nordeste do Brasil – 1700-1930. Tradução de Alexander F. Caskey Ignácio R. P. Montenegro. Fortaleza: Edições UFC; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

CUNHA, Euclides. *Os sertões*. São Paulo: Nova Cultural, 2002 [1902].

CUNLIFFE, Barry. *By steppe, desert, and ocean*: the birth of Eurasia. Oxford: Oxford University Press, 2015.

DAVIES, Brian L. *Warfare, State and Society on the Black Sea Steppe, 1500–1700*. Abingdon: Routledge, 2007.

DIAS, Clímaco César Siqueira. Os sertões, a ideia de nordeste e a Bahia. In: BARROS, Joana et al. (Orgs.). *Sertão, sertões*: repensando contradições, reconstruindo veredas. São Paulo: Elefante, 2019. p. 57-66.

FERREIRA, Márcio Antônio do Carmo et al. *A geografia do Grande Sertão: Veredas*. Diamantina: UFVJM, 2023.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso*: um estudo sobre a ambiguidade no *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GETMAN, Anatolii Pavlovich et al. Geographical determinism: history and present. *Revista Notas Históricas y Geograficas*, n. 31, p. 304-318, jul., 2023.

GINZBURG, Jaime. A violência em *Grande Sertão: Veredas*. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, p. 87-99, 1992.

GOGOL, Nikolai. *Taras Bulba*. New York: Thomas Y. Crowell & Co., 1886 [1835]. Disponível em: https://dn790009.ca.archive.org/0/items/cu31924026658165/cu31924026658165.pdf. Acesso em 15/01/2013.

GORDON, Linda. *Cossack Rebellions*: social turmoil in the Sixteenth-Century Ukrain. Albany: State University of New York Press, 1983.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Nova Aguilar, 1994 [1956].

HOMER. *The Iliad*. New York: Penguin Books, 1990.

HONG, Sukhoon. Environmental and Geographic Determinism: Jared Diamond and His Ideas. In: WIARDA, Howard J. *Grand Theories and Ideologies in the Social Sciences*. New York: Palgrave Macmillan, 2010. p. 141-158.

HOSKING, Geoffrey. *Russia and the Russians*: a history. 2. ed. Cambridge: Harvard University Press, 2011.

LEONEL, Maria Célia; SEGATTO, José Antonio. Política e violência no Grande Sertão de Guimarães Rosa. *Estudos Sociedade e Agricultura*, v. 13, n. 1, p. 75-93, abr. 2005.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. Sertões: notas para o uso da palavra no mundo português. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30, 2019, Recife. Anais eletrônicos. Recife: UFPE, 2019. Pp.: 1-11. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565315038_ARQUIVO_SERTOES.pdf. Acesso em: 10/02/2024.

MACHADO, Lia Osório (1995). Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a ideia de ordem (1870-1930). In: CASTRO, Iná E. et al. (Orgs.). *Geografia*: conceitos e temas. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 309-352.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão: um "outro" geográfico. *Terra Brasilis* – Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, v. 4, n. 5, p. 1-8, jan. 2003. Disponível em: https://core.ac.uk/reader/224025920. Acesso em: 09/02/2024.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Acadêmica; São José; Livros de Portugal, 1955.

PEET, Richard. The Social Origins of Environmental Determinism. *Annals of the Association of American Geographers,* v. 75, n. 3, p. 309-333, Sep., 1985.

SANTOS FILHO, Lycurgo. *Uma comunidade rural do Brasil antigo*: aspectos da vida patriarcal no sertão da Bahia nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

TOMASONI, Marco Antonio. Uma terra e seus sertões: o imaginário e um rio. In: BARROS, Joana et al. (Orgs.). *Sertão, sertões*: repensando contradições, reconstruindo veredas. São Paulo: Elefante, 2019. p. 70-83.

Ibiraci de Alencar Chagas é graduado em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana, mestre em Literatura e Diversidade Cultural e doutorando em Estudos Linguísticos pela mesma instituição. É integrante do Grupo de Estudos de Linguagem, Argumentação e Discurso (ELAD/CNPq).

Recebido em 12/06/2024. Aprovado em 26/06/2024.